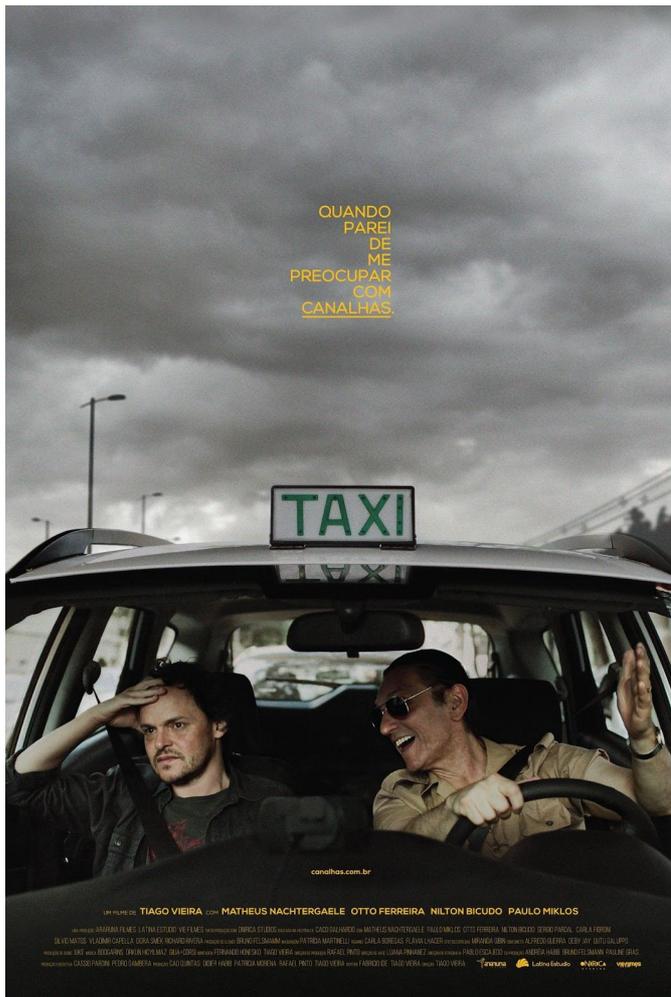


Nonsense, política e HQ: os trunfos de *Quando parei de me preocupar com canalhas* (Tiago Vieira, 2015)

por Luiza Lusvarghi*



O curta-metragem *Quando parei de me preocupar com canalhas*, apresentado no 43º Festival de Cinema de Gramado 2015, foi baseado em uma história em quadrinhos criada por Caco Galhardo, cartunista que vem se dedicando a criar personagens críticos da classe média brasileira e das posições políticas identificadas com a ideologia que se popularizou como “coixinha”, denominação usada para nomear as camadas médias emergentes que surgiram na bolha de consumo inflada por políticas governamentais nesta

última década no Brasil. O trabalho mais conhecido de Galhardo é a tira “Os Pescoçudos”, publicada na Folha de S. Paulo desde 1997, mas antes de chegar a elas Galhardo foi roteirista de programas da MTV, da Rede Globo. A historieta em que se baseou o filme faz parte de uma tira criada para a revista piauí e publicada em 2008. Por coincidência, o ator que interpreta o protagonista João Carlos, Matheus Nachtergaele, começou sua carreira, como afirmou em depoimento dado para a campanha de *crowdfunding* do filme,

fazendo personagens de uma série de vinhetas criadas para a MTV intitulada *Cidadania*, com roteiros de Caco Galhardo. Foi a partir da campanha de *crowdfunding* assumida por Matheus (um dos mais versáteis atores nacionais) e pelo coprotagonista Paulo Miklos (ex-Titã que desde *O invasor*, de Beto Brant, 2002, vem enfrentando desafios cada vez maiores na tela) que o curta foi viabilizado. Matheus e Paulo nunca haviam contracenado juntos, e Tiago, cuja estreia na direção se deu com tal filme, passou por produtoras como a Bossa Nova antes de se lançar na empreitada, que levou quase seis anos para se concluir. O *crowdfunding*, aliás, veio de uma sugestão do próprio Galhardo, sendo aceita por Tiago, por entenderem que o projeto não deveria captar dinheiro de editais para manter sua independência. A tira de 2008 que inspirou o curta discute a alienação na política atual de forma premonitória, considerando os últimos acontecimentos e manifestações ocorridos no país contra o atual governo, e a intensificação das rixas entre direita e esquerda no Brasil.

O personagem de Matheus, João Carlos, se acha politizado, mas após uma crise conjugal –deflagrada devido a imagens de sua namorada em um vídeo erótico na internet–, começa a se dar conta de que talvez esteja se tornando tão medíocre quanto qualquer taxista reacionário da cidade de São Paulo, e é a esta altura que cresce o personagem interpretado por Paulo Miklos. O curta acompanha o trajeto de João Carlos em um taxi, para conduzi-lo ao bar onde se encontram seus amigos. Durante o percurso, discute sobre política com o taxista. O taxista se converte em um fantasma, e passa a persegui-lo, inclusive se afundando na merda – cena exibida de forma literal – enquanto ele (também literalmente) vai chegando ao fundo do poço. Segundo a sinopse, um “surto de lucidez faz com que tome a decisão mais importante de sua vida. Se alienar”. No entanto, o que transparece ao final do vídeo soa justamente como uma tomada de consciência, uma sensação crescente de desconforto. Ao adentrar o seu apartamento, João Carlos percebe de alguma forma que nada mais vai ser como antes.

O que faz o público se envolver com o curta, entretanto, não é a história, mas a forma como ela é narrada. A começar pelo som, a cargo da banda goiana de rock Boogarins (que lembra Os Mutantes), e da música principal, *Lucifernandis*, trocadilho entre Lúcifer e o nome próprio Luci Fernandes, ironizado pelo refrão “Ela caiu do céu”, que toca quando a namorada de João aparece em cena. É como se, de repente, o sonho de um mundo alternativo psicodélico tivesse esgotado todas as suas possibilidades. Ideias como amor livre e erotismo agora se reduziram a memes nas redes sociais, em que nada é o que parece.



O cinema brasileiro tem a tradição da comédia burlesca, paródica, que remete às chanchadas da Atlântida, e que de certa forma está contemplada em blockbusters locais como *De pernas pro ar* (Roberto Santucci, 2010) e *Se eu fosse você* (Daniel Filho, 2006), que possuem sequências, lembram as atuais *sitcoms* e, por vezes, o *stand up*, e já são fórmulas consagradas pela linguagem ficcional televisiva. Em outra vertente mais recente, como em *Entre abelhas* (Ian Sbf, 2015), em que o protagonista já não consegue enxergar, a trama se desenvolve a partir de situações insólitas, recurso também utilizado pelo longa *Um homem só*, de Cláudia Jouvin, exibido pela primeira vez também nesta edição de Gramado, sobre um homem e sua cópia, possibilidades quase nunca exploradas até as últimas consequências –a parafernália do médico que efetua as clonagens no filme de Jouvin parece alegoria de escola de samba, e

fica a dúvida se tudo aconteceu mesmo, ou foi uma alucinação do melhor amigo de Vladimir Brichta, o perigoso coadjuvante Otávio Muller– ator brilhante, rouba a cena em qualquer filme em que aparece. E é precisamente este ponto que faz com que o curta de Tiago mereça ser visto. A comédia de absurdos está insinuada em diversos momentos do filme de Jouvin, mas em *Quando parei de me preocupar com canalhas* ela é o mote, e não foi preciso matar ninguém, cometer algum desatino; não é a comédia de erros, da farsa que está em cena, mas a da linguagem do cotidiano.

O grande personagem do curta, diferentemente da tira que o originou, é a cidade de São Paulo, palco privilegiado de manifestações ruidosas, extremamente conservadoras e preocupantes dentro do cenário nacional, e que se alternam ora pedindo a volta do governo militar, ora lamentando que a atual presidente não tenha sido enforcada nos porões do DOI-CODI. A homofobia e a agressão de gênero são outros componentes dentro desta nova onda, que faz lembrar os avanços do neofascismo na Europa. Algumas expressões bem brasileiras como “meter o pau” ganham representação visual hilária na discussão política que João tem com amigos no bar. Miklos, que também representou recentemente em curta-metragem outro símbolo da cidade, o sambista Adoniran Barbosa, está se especializando em personagens paulistanos populares, com certo acento italiano. Seu taxista é oportuno, e talvez soe estranho a uma plateia estrangeira. Os taxistas em São Paulo, historicamente alinhados com o conservadorismo e com a corrupção representada por ícones como o ex-prefeito Paulo Maluf, com direitos adquiridos sobre pontos de trabalho, portanto, muito distantes da realidade europeia, canadense e estadunidense, em que esses profissionais são quase sempre imigrantes estrangeiros, representam na HQ, no curta e na vida real um dos pilares de sustentação de velhas formas de administração e governo. A hibridação entre a linguagem dos quadrinhos e a cinematográfica assinala tentativa de ruptura com a tradição narrativa realista do cinema brasileiro, sobretudo, ao abordar o papel da política no cotidiano. A influência das HQ na

linguagem cinematográfica já se verifica no Cinema Marginal, e em particular no horizonte estético dos filmes de José Mojica Marins, assim como na estreita relação de linguagem que suas obras compartilham com as histórias em quadrinhos dos anos 1960, como em *À meia-noite levarei sua alma* (1964) e *Esta noite encarnarei no teu cadáver* (1966). No entanto, em *...canalhas*, não é necessário lançar mão da transgressão do horror e do sobrenatural, nem mesmo do crime hediondo como em *O anjo nasceu e Matou a família e foi ao cinema* (Júlio Bressane, 1970), para falar da transgressão e violência trazidas pela realidade urbana, que deixou de ser *underground*, palavra que inclusive nos quadrinhos nacionais aparecia como “udigrudi”.

A vertente mais bem-sucedida – comercialmente e do ponto de vista da criação – dos quadrinhos brasileiros não foi a de horror, mas a da geração personificada por Laerte, Angeli e Glauco, que foram fonte de inspiração para Galhardo.

Bibliografia:

Lusvarghi, Luiza (2015). “Transmedia and Cartoons: Sex, Drugs and Rock and Roll Era Never Dies in Re Bordosa”, paper apresentado na WG Cartoons, Iamcr 2015.

Schneider, Carla (2012). “Dossiê Rê Bordosa: biografia, autobiografia e elementos transmidiáticos” in *RUA – Revista Universitário do Audiovisual*, 16 dez. 2012. Disponível em: <http://www.rua.ufscar.br/dossie-re-bordosa-biografia-autobiografia-e-elementos-transmidiaticos/>. (Acesso 09 dez. 2015).

Vassallo de Lopes, Maria Immacolata e Guillermo Orózco Gomez (coords) (2014). *Transmedia production strategies in television fiction. 2014 Obitel Yearbook*. Porto Alegre: Sulina.

* Luiza Lusvarghi é graduada em Jornalismo (PUC-SP), com mestrado e doutorado em Comunicação (USP). Bolsista de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP), com pesquisa sobre narrativas criminais no cinema e TV da América Latina. E-mail: luiza.lusvarghi@gmail.com